

OCS E BRICS TEM PAPÉIS COMPLEMENTARES NA TRANSFORMAÇÃO DA GOVERNANÇA GLOBAL

Por Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A OCS e os BRICS buscam reformar a governança global para multipolaridade; dados os desafios e complexas interdependências, a transição será gradual, com organizações regionais emergindo como atores-chave na Maioria Mundial.

A recente Cúpula de Líderes da OCS em Tianjin atraiu atenção renovada para esta organização, que começou como um meio para resolver disputas de fronteira entre a China e algumas ex-repúblicas soviéticas, mas depois evoluiu para um grupo híbrido de segurança e economia. Cerca de duas dúzias de líderes participaram do evento mais recente, incluindo o primeiro-ministro indiano Narendra Modi, que fez sua primeira visita à China em sete anos. A mídia não ocidental anunciou a cúpula como um ponto de inflexão na transição sistêmica global para a multipolaridade.

Embora a OCS esteja mais revigorada do que nunca, dada a incipiente reaproximação sino-indo-americana pela qual os EUA foram [inadvertidamente responsáveis](#), e o [BRICS](#) seja hoje um nome conhecido em todo o mundo, ambas as organizações transformarão a governança global apenas gradualmente, ao invés de abruptamente, como alguns esperam. Para começar, eles são compostos por membros muito diversos que só podem concordar realisticamente em pontos amplos de cooperação, que são, em qualquer caso, estritamente voluntários, visto que nada do que declaram é juridicamente vinculativo.

O que une a OCX e os países do BRICS, e há uma sobreposição crescente entre eles (tanto em termos de membros quanto de parceiros), é o objetivo comum de quebrar o monopólio de fato do Ocidente sobre a governança global, para que tudo se torne mais justo para a [Maioria Mundial](#). Para tanto, buscam acelerar os processos de multipolaridade financeira por meio do BRICS, a fim de adquirir a influência tangível necessária para a implementação de reformas, mas isso também requer evitar futuros cenários de instabilidade interna por meio da OCX.

No entanto, o Banco do BRICS [cumpru as sanções antirrussas do Ocidente](#) devido à complexa interdependência econômica da maioria dos membros com ele, e também há [relutância em acelerar a desdolarização](#) precisamente por esse motivo. Quanto à OCS, seus mecanismos de compartilhamento de inteligência dizem respeito apenas a ameaças não convencionais (ou seja, terrorismo, separatismo e extremismo) e são prejudicados em grande parte pela rivalidade entre a Índia e o Paquistão, enquanto preocupações relacionadas à soberania impedem que o grupo se torne outro “Pacto de Varsóvia”.

Apesar dessas limitações, a Maioria Mundial continua trabalhando mais estreitamente do que nunca em busca de seu objetivo de transformar gradualmente a governança global, o que se tornou especialmente urgente devido ao uso casual da força por Trump 2.0 (contra o Irã e, como ameaça, contra a Venezuela) e às guerras tarifárias. A China está no centro desses esforços, mas isso não significa que ela os dominará; caso contrário, a Índia e a Rússia, orgulhosamente soberanas, não teriam concordado com isso se acreditassem que fosse o caso.

Os processos em curso levarão muito tempo para serem concluídos, talvez até uma geração ou mais, devido, em grande parte, à complexa interdependência econômica de países líderes como China e Índia com o Ocidente, que não pode ser encerrada abruptamente sem causar imensos danos aos seus próprios interesses. Os observadores devem, portanto, moderar quaisquer [ilusões](#) de uma transição rápida para a multipolaridade plena, a fim de evitarem profundas decepções e, possivelmente, o desânimo resultante.

Olhando para o futuro, o futuro da governança global será moldado pela luta entre o Ocidente e a Maioria Mundial, que desejam, respectivamente, manter seu monopólio *de facto* e reformar gradualmente esse sistema para que ele retorne às suas raízes centradas na ONU (embora com algumas mudanças). No entanto, nenhum dos cenários maximalistas poderá entrar em vigor, de modo que instituições alternativas centradas em regiões específicas, como a OCS em relação à Eurásia e a UA em relação à África, poderão gradualmente substituir a ONU em alguns aspectos.

****Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
